

FACULDADES INTEGRADAS



FACULDADES INTEGRADAS IPEP  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO POLICIAL CONTINUADO PEPCEX – CESDH  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINOTECNIA POLICIAL

DAIANI NEUNFELD KIESSLER

CÃES DE DETECÇÃO: A FUNÇÃO DO FARO DE CIGARROS NA REGIÃO DE  
FRONTEIRA DO PR

ITU –SP  
2022

**DAIANI NEUNFELD KIESSLER**

**CÃES DE DETECÇÃO: A FUNÇÃO DO FARO DE CIGARROS NA REGIÃO DE  
FRONTEIRA DO PR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Policial, sob a orientação do professor .....  
apresentado à Banca Examinadora, como requisito básico para obtenção do título de Pós-Graduação em Cinotecnia Policial da Faculdade Integrada IPEP.

CÃES DE DETECÇÃO: A FUNÇÃO DO FARO DE CIGARROS NA REGIÃO DE  
FRONTEIRA DO PR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduação em Cinotecnia Policial, na Faculdade Integrada IPEP pela seguinte Banca Examinadora:

---

Banca Examinadora

---

Banca Examinadora

---

Orientador

ITU – SP  
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Daiani Neunfeld Kiessler, residente em Marechal Cândido Rondon – Paraná, declaro que o texto apresentado é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ele.

NOME: Daiani Neunfeld Kiessler

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

As todas as pessoas da Polícia Militar do Paraná que passaram e estão na minha vida sempre me apoiando para que eu tivesse a oportunidade de realizar meu sonho, que é trabalhar com cães.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo apresentar o trabalho realizado pelos cães de faro de cigarros contrabandeados do Batalhão de Polícia de Fronteira (BPFron), um dos pioneiros nessa modalidade de detecção, problematizando a importância dessa modalidade de busca, analisando os problemas e soluções que surgiram durante o treinamento desses cães. Além de fomentar a discussão sobre a importância desse trabalho realizado com os cães para a região de fronteira que sofre com esse tipo de crime.

Palavras-chave: detecção; cães; policiais; Polícia de fronteira

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6
CONTEÚDO.....	7
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – TRABALHO DO BPFロン NA FRONTEIRA PARANAENSE.....	11
CAPÍTULO II- DETECCAO DE CIGARROS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	19





## INTRODUÇÃO

A escolha do tema para a Conclusão do Curso em Cinotecnia Policial veio ao encontro ao trabalho que realizo junto com meus colegas de trabalho no Batalhão de Polícia de Fronteira e a necessidade de tornar esse trabalho reconhecido, para que se possa tornar um embasamento para que outras instituições possam iniciar o trabalho de faro de cigarros contrabandeados em suas unidades, uma necessidade que vem sendo discutida e percebida com interesse na região de fronteira do Paraná, que possui um elevado número de ocorrências envolvendo carretas, caminhões com cigarros contrabandeados. A intenção desse estudo é mostrar como esse trabalho foi desenvolvido e como é interessante e importante o auxílio do cão no combate desse crime.

Primeiramente, precisamos entender como funciona a dinâmica do contrabando de cigarros na região de fronteira do Brasil com o Paraguai nos estados, principalmente do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Segundo Schons 2021, um dos crimes que vem aumentando notavelmente após 1990 na região entre Canindeyú (PY) e o Oeste do Paraná (BR) é o comércio ilegal de cigarros, e essa região é considerada uma das principais portas de entrada do produto ilegal no país, o que gera grandes efeitos econômicos para o Brasil. Estima-se que o prejuízo em arrecadação seja de cerca de 130 bilhões de reais por ano.

Uma das explicações para que essa região seja a principal ponte de entrada desse produto ilegal é a localização das fábricas, que ficam principalmente próxima à região de fronteira com Brasil no lado oeste do Paraná, isso faz com que, logisticamente, o transporte e despacho desses produtos sejam mais fáceis nesses locais. Já no lado brasileiro, o que facilita para os contrabandistas é a ampla região de mata e o lago de Itaipu, na fronteira Brasil-Paraguai, formado artificialmente, em 1982, com o fechamento das comportas do canal de desvio da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que ajuda na camuflagem das travessias, pois dificulta em muito as fiscalizações.

Pode-se dizer que a definição de fronteira, como a vemos hoje, é, de certa maneira, recente, pois, em vários momentos da história, ela se define por situações

distintas, sendo que, inicialmente, possuía uma roupagem mais mística, religiosa e, ao longo do tempo, passa para uma versão mais político-administrativa, para uma versão de poder.

Pois é a partir do Estado moderno que a noção de fronteira passou a ser associada como limite territorial de uma nação e de sua soberania. Isto é, o território demarcado passa a ser considerado a matriz da legitimidade espacial do direito do Estado constituído por normas jurídicas válidas em seu interior (FERRARI, 2014, PG.12).

Essa noção de fronteira delimita apenas tanto o político como o jurídico, mas traz consigo outros elementos para definir cada nação, como suas histórias, línguas, enfim, suas particularidades.

Mas, muito mais, além disso, Ferrari (2014) afirma que fronteira é também, e pode ser definida como um espaço de construção social. A fronteira traz consigo elementos muito mais fortes do que apenas uma definição geográfica, são povos que têm um governo e leis diferentes, mas que se unem cultural e socialmente.

A fronteira possui duas visões científicas: uma que trata da história política entre Estados nacionais e do limite de soberania de um poder central e a outra, local ou regional, que trata do vivido e das interações entre populações em zonas fronteiriças. Nessas duas visões, fronteira se inscreve hoje dentro de uma ampla problemática tornando-se objeto de pesquisas científicas, com inúmeras possibilidades de estudos, mas a tendência atual parece apontar para um contexto mais humano, social e cultural, capaz de nos oferecer uma apreensão mais justa e real das relações fronteiriças (FERRARI, 2014, p.23).

Apesar de toda dinâmica que se gera em torno da definição de fronteira e suas particularidades, percebe-se que uma das mais importantes seja realmente a interação humana que nela acontece, a relação entre esses dois povos distantes jurídica e politicamente, mas tão interligados pelo que acontece em seu cotidiano, o que acaba sendo muito mais importante que o que acontece em seus países de origem.

Nesse contexto, podemos fazer uma análise histórica da construção da fronteira entre o Brasil e o Paraguai e, com ela, entender muito da dinâmica do que acontece atualmente, e como fica claro como essa interação humana entre os povos dita o andar do cotidiano de uma região de fronteira.

Entender como se deu na região oeste do Paraná a implantação da usina de Itaipu faz com que tenhamos uma clara ideia da modificação e da nova definição da relação social que se construiu nessa região após a construção da usina.

“... mega irradiação fronteiriça” causada durante e depois da sua construção. Migrações massivas e a vinda de trabalhadores para erguer essa obra fenomenal acabaram por transpor a fronteira Paraná-Paraguai e ocupar terras férteis da costa oriental paraguaia que se estenderam até à região do Chaco, nos anos subsequentes. A ocupação desse novo território, da forma como ocorreu, faz ressurgir outra definição de “fronteira” que é a utilizada para caracterizar as “frentes pioneiras” de ocupação num processo de colonização em áreas supostamente vazias de um território. Em grande parte, a costa oriental paraguaia constituía-se em terras devolutas que foram cedidas à colonização brasileira. Acordos políticos durante a ditadura militar nos dois países, a construção de rodovias, a aquisição de terras baratas e a abertura legal à penetração brasileira (ANDERSEN).

Houve uma massiva expansão da região de fronteira paraguaia através de brasileiros que também foram chamados de “brasiguaios”, o que transformou, de forma significativa, essa região. Todo o conjunto das relações que surgiram a partir desse momento pode ter como reflexo a atual conjuntura da fronteira que temos na região oeste do Paraná e da região de Canindeyú (PY). A região mais desenvolvida do Paraguai acabou sendo a região de fronteira com o Brasil, tendo como sua base da economia a plantação de soja e os royalties da Itaipu.

Nesse sentido, é interessante observar que essa manobra dos países em relação à Itaipu alterou significativamente, não só a economia, mas toda a interação social dessas regiões. Acredito que a maneira como hoje acontece a formulação dos grupos criminosos se dá muito pela aproximação, essa junção de brasiguaios que têm livre circulação e acesso aos dois países, além de conhecimento territorial, o que facilita os crimes de contrabando, tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, evasão de divisas, acúmulo de capital e de poder.

A definição de fronteira, como temos hoje, foi criada em 1979, e refere-se a uma faixa com 150 km de largura terrestre.

No Brasil, a legislação que trata da faixa de Fronteira é a Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980, cujo teor foi ratificado pela Constituição Federal de 1988, no parágrafo

segundo do artigo 20. A faixa, de até 150 quilômetros de largura ao longo das fronteiras terrestres, é considerada "fundamental para a defesa do território nacional"(NETO, 2015).

A defesa desse território sensível é responsabilidade das Forças Armadas, e as fiscalizações são de responsabilidade da Polícia Federal e da Receita Federal. Porém, através do decreto nº 7.496 de 08 de junho de 2011, o Governo Federal criou o Plano Estratégico de Fronteira;

Caracterizando-se oficialmente, pelo planejamento de ações integradas entre órgãos de segurança pública, defesa, fiscalização, estados, municípios e países vizinhos. O referido plano, no âmbito do Governo Federal, é Coordenado pelos Ministros da Justiça, Defesa e Fazenda, e nos Estados, pelos respectivos governadores e secretários de segurança pública, sendo que na época do lançamento, no Ministério da Justiça, o Plano Estratégico de Fronteira envolveu ações e projetos da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), Secretaria Nacional de Justiça (SNJ), do Departamento de Polícia Federal (DPF) e do Departamento de Polícia Rodoviária Federal (DPRF). As iniciativas desenvolvidas pela SENASP foram constituídas no âmbito do Programa ENAFRON – Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (ALVES e LOUREIRO, 2019).

Em meio a essas buscas por melhorar as fiscalizações das fronteiras, o estado do Paraná, através do decreto-lei nº 4.905 de 06 de junho de 2012, criou o primeiro Batalhão de Polícia Militar de Fronteira (BPFロン), subordinado ao subcomando geral da PMPR. A missão do BPFロン seria auxiliar as forças de segurança como a Polícia Federal, Receita Federal nas fiscalizações dos crimes transfronteiriços.

O BPFロン atende a 139 municípios que fazem parte da faixa de fronteira, sendo dividido atualmente em 3 companhias, em Marechal Cândido Rondon, Guaíra e Santo Antônio do Sudoeste, com a missão de combater principalmente os crimes provenientes da fronteira.

A união dessas forças de segurança federais, estaduais ou municipais é fundamental, e, apesar de a segurança e a fiscalização dessa região serem submetidas a órgãos federais, é de interesse estadual, municipal e de todos que

nossas fronteiras sejam fiscalizadas, pois o reflexo do que acontece nesses locais pode ser visto em todo o país, pois o aumento da criminalidade em grandes e também pequenas cidades do país está diretamente ligado à quantidade de drogas e armas que entram pelas fronteiras.

Ainda existem algumas barreiras a serem vencidas para que esse trabalho tenha mais excelência, a interação entre as forças de segurança ainda é um tanto precária, instituições trabalham de maneiras distintas e, muitas vezes, fazer com que interajam entre si é um tanto complexo. Outro cuidado que se deve ter por parte das instituições é entender que cada fronteira possui sua particularidade, conhecer e entender a população e a geografia de cada local também é muito importante, pois conseguir o apoio da comunidade que vive nesses locais é fundamental para que se tenha mais resultados positivos em número de apreensões e diminuição da criminalidade.

A aplicação de metodologia de cooperação para as autoridades que atuam nas fronteiras do país pode agregar maior valor à atuação do Brasil contra o combate a crimes internacionais e a manutenção da segurança pública. Dentro desse contexto, pode se incluir a participação da comunidade como apoio às denúncias, e desse motivo busca-se a integração entre todos os aspectos da gestão de segurança pública, além do serviço especializado desenvolvido pelas Forças Armadas e pelos órgãos de segurança pública (ALVES e LOUREIRO, 2019).

Visando a melhorar a interação com as instituições que atuam nas áreas de fronteira, o Governo Federal criou, em 2019, o Programa Vigia que tem por base operações integradas, aquisição de equipamentos, capacitações e bases operacionais com interação de sistemas. Dentro do Programa Vigia está inserida a Operação Hórus, que, desde então, vem acontecendo na região Oeste do Paraná de que participam, além da Polícia Federal, o Batalhão de Polícia de Fronteira, PRF e Polícia Civil do PR, Receita Federal e Exército Brasileiro. Além do Paraná, outros estados também participam do programa e operação.

## CAPÍTULO I – TRABALHO DO BPFron NA FRONTEIRA PARANAENSE

Criado em meados de 2012, o Batalhão de Polícia de Fronteira tem uma área de 139 municípios para atuar, municípios que fazem parte dos 150 km de faixa de fronteira paranaense. Inicialmente, Marechal Cândido Rondon foi a sede do Batalhão, sendo que, posteriormente, a cidade de Guaíra e de Santo Antônio do Sudoeste receberam companhias, atualmente Foz do Iguaçu e Umuarama formaram pelotões que atuam nas respectivas regiões. Além do trabalho das companhias do BPFron, que atuam nas estradas rurais e rodovias, também foi criado o pelotão COBRA que atua em áreas de mata e no lago de Itaipu em toda extensão da faixa de fronteira.

### Mapa- área de atuação BPFron



FONTE: BPFron (2012).

Em 2016, foi criado o Pelotão de Operações com Cães, com apenas dois policiais e um cão, que permanecia na casa dos policiais. Em 2018, com a ajuda da comunidade da região, foi iniciada a construção física do canil e, em 2019, aconteceu sua inauguração. Foram, então, adquiridos mais cães e mais policiais

compuseram o pelotão. Atualmente, 12 policiais fazem parte do pelotão e 6 cães, o pelotão de Umuarama e a Companhia também possuem cães de faro.

A necessidade de possuir cães de faro na região de fronteira é de extrema importância, pois os casos de apreensões de drogas, armas e outros ilícitos em fundos falsos e locais de difícil acesso são diários, muitos desses casos somente são possíveis pela destreza dos policiais, porém o uso dos cães rotineiramente facilita, de forma significativa, a excelência das ocorrências. Muitas das apreensões de que participei somente foram possíveis pelo fato de o cão ser usado de forma preventiva e, ao o cão indicar, foi possível localizar ilícitos.

Foi nesse contexto que, em 2016, foi iniciado, de forma tímida, o trabalho com os cães pelo BPFron, como já mencionado com apenas um cão e dois policiais, o que após um período de adaptação e treino do cão começou a apresentar resultados significativos e viu-se a necessidade de aumentar o efetivo e os animais.

Como não havia local adequado para os cães no batalhão, o primeiro passo foi a construção do canil e, após a finalização, foram inseridos mais policiais e mais cães para compor o pelotão, que atualmente possui 12 policiais e 6 animais.

Toda a versatilidade e dinamismo que os cães trazem para as equipes policiais puderam ser multiplicados. O que refletiu positivamente no aumento significativo das apreensões, não apenas de drogas e armas, mas também de um outro produto que, na região oeste e noroeste do Paraná é muito comum, o cigarro contrabandeado.

Como já mencionado, a região oeste que fica principalmente na região limdeira entre as cidades de Foz do Iguaçu e Guaíra é uma região que possui um intenso fluxo de tráfico de drogas e contrabando. A grande extensão do lago de Itaipu facilita a entrada desses produtos ilícitos e dificulta a apreensão por parte das instituições de segurança a fiscalização. As organizações criminosas se utilizam de inúmeros meios para ludibriar as fiscalizações, tanto nessas regiões de mata como também nas estradas e rodovias. Nos últimos anos, a união das forças de segurança, que se iniciou durante e o ENAFRON e continua através do VIGIA e da Operação Hórus, vem apresentando grandes números de apreensões e causando grandes prejuízos para esses grupos criminosos.

O combate ao tráfico de drogas é o carro chefe da maioria das instituições de



segurança pública, como não poderia deixar de ser do BPFron, porém foi percebido um outro crime em que o trabalho com os cães poderia ser de grande valia, o contrabando de cigarros. Esse produto, chega, em sua grande maioria, a essa região por via fluvial, acondicionado em veículos ou caminhões para os chamados “mocós”, locais em matas, plantações, sítios, locais mais longe da região de lago que geralmente possuem mais policiamento. Nesses locais, alguns veículos, que são usados para o transporte, já sem bancos e adaptados para levar o maior número de caixas possível, andam basicamente apenas em estradas rurais, com afunção de trazer esse ilícito do lago até o “mocó”, deixam as caixas e retornam, nesses locais é feito o transbordo das cargas para veículos mais novos e em condições de seguir viagem pelas rodovias, sem chamar a atenção nas fiscalizações. Geralmente, veículos muito velozes, muitas vezes roubados ou então financiados e bloqueados judicialmente, além de carretas e caminhões.

Pensando nesse contexto de caminhões, outro elemento para citar é o grande fluxo de caminhões que circula nessa região, as BRs 163 e 277 e a PR 272 são rodovias com um grande fluxo de caminhões, cenário perfeito para grandes cargas de cigarros circularem em meio aos veículos sem serem percebidos. Normalmente, essas cargas se camuflam em horários de grande fluxo como amanhecer, momento em que os caminhoneiros saem dos postos onde descansam para seguir viagem, e assim fica praticamente impossível a fiscalização de todos esses veículos.

É nesse sentido que o uso do cão de faro foi pensando, as fiscalizações desses grandes veículos, para facilitar o trabalho dos policiais, pois dinamiza as abordagens, não sendo necessário deslona uma carreta. Além de vários casos em que as caixas de cigarros ficavam ocultas, com cargas de sementes na parte superior, não sendo possível visualizar o ilícito. Além da fiscalização nas rodovias com a ajuda do cão, outro local em que o animal pode ser usado são os postos de combustíveis. Também com um grande fluxo de veículos onde os condutores pernoitam, os grupos criminosos camuflam os caminhões esperando o melhor momento para escoarem seus ilícitos de forma discreta.

Esses grupos criminosos estão em constante transformação, são muito dinâmicos e estudam os órgãos de segurança para conseguir ludibriar as

fiscalizações. Com o cão, como uma ferramenta para auxiliar nesse contexto, seja ele de entorpecente ou cigarros, é algo que fica muito mais difícil de ser camuflado por esses grupos, nada ou quase nada escapa do faro desses animais, se bem treinados.

## CAPÍTULO II- DETECÇÃO DE CIGARROS

Visando a melhorar as fiscalizações realizadas pelo BPFron e tendo em vista a capacidade que os cães possuem de reconhecer diversos odores, iniciou-se o trabalho de apresentação do odor cigarro a um dos cães, Guerreiro, que compunha o pelotão.

Inicialmente, a apresentação do odor se deu através do fumo, matéria-prima principal na fabricação dos cigarros. O animal assimilou esse odor de forma muito rápida, pois já possuía toda a dinâmica da busca, por já ser um cão experiente e já conhecer uma grande parte dos entorpecentes que geralmente são apresentados. Porém, tivemos um problema, esse animal interpretou que todos os odores que tivessem fumo deveriam ser indicados, então qualquer “bituca” ou qualquer cigarro ele apontava para seu condutor, o que acabou não se tornando interessante, pois encontrar cigarros é algo extremamente comum e poderia atrapalhar o trabalho de busca por outros ilícitos.

Diante dessa dificuldade, o cão não foi mais treinado para tal odor. E após um período de estudos de como poderia ser feito esse treino de maneira que fizesse com que o animal não indicasse pequenas quantidades desse produto, chegou-se à conclusão de que o ideal seria treiná-lo apenas com grandes quantidades, que era o que realmente queríamos que ele apontasse.

### APRESENTAÇÃO DO ODOR DE CIGARROS:

O cão Guerreiro foi utilizado como precursor deste projeto. Inicialmente, foram utilizados para o treino pacotes de fumo e também o próprio cigarro, de que foram retiradas apenas a parte de filtro e toda parte de papel, deixando apenas o fumo. A dinâmica de faro ele já possuía, então a sua assimilação foi muito rápida. Não foram utilizados discriminadores no primeiro momento. Após um período de duas semanas de treino, foi possível ver resultados positivos, em busca ao bagageiro de um ônibus, foi possível localizar alguns pacotes de cigarros em duas malas.

Porém, o cão Guerreiro foi treinado para buscas em bagageiros e na parte

superior de ônibus, além de localizar malas com maiores quantidades, o cão também começou a indicar carteiras de cigarros em bolsos de passageiros e bolsas pessoais. Também em alguns momentos o cão indicava “bitucas” de cigarros no chão, por possuir a dinâmica de busca sem indução, sempre que sentia odor de cigarro, ele apresentava uma indicação.

Isso acabou gerando um certo transtorno pois o odor do cigarro está presente em muitos locais, como já mencionado, foi cessado o treino com o cigarro e negativado para as indicações de pequenas quantidades. Depois de mais de um ano sem treino, e após muita discussão sobre qual seria a melhor maneira de fazer o treino chegou-se à conclusão de que treinar com o que realmente queríamos que o cão localizasse no caso grande quantidade de cigarros, seria a melhor opção.

Diante disso, os treinos passaram a ser realizados com vários pacotes de cigarros e não mais com fumo ou os cigarros. Somente com pacotes e caixas, acima de 10 unidades, ou seja, um pacote possui 10 carteiras, cada carteira 20 cigarros, então a média ficou em torno de 2000 mil cigarros. Porém os treinos foram direcionados principalmente para apreensões. Todo veículo que alguma equipe apreendia era usado para treinar o cão, seja carro, caminhão, local aberto. Sempre que fazíamos entrega em algum pátio da Receita Federal onde havia algum veículo com cigarros esse era aproveitado para o treino.

Além dos treinos serem sempre direcionados para grandes quantidades, o que foi primordial para que o cão não indicasse mais pequenas quantidades, foram realizados os treinos de discriminação. Os treinos sempre possuíam um discriminador com pequena quantidade e, inicialmente, quando o animal fazia a indicação era feita a negativação. Quando ele indicava pequena quantidade, não era feito o pagamento, deixando-o até o momento em que ele continuava a busca e localizava e indicava a grande quantidade.

Em situações reais, a negativação partiu do mesmo pressuposto de que se em algum momento o cão indicasse qualquer pequena quantidade, alguma carteira ou alguma bituca era negativado, além do não pagamento, com um sutil não e ordenado que continuasse a busca.

## PRIMEIRA GRANDE APREENSÃO

Essa nova tratativa de treino se apresentou muito efetiva, em poucos dias de treino, o cão já não mais indicava pequenas quantidades nem nos treinos, nem em situações reais. Por ser um cão já mais experiente, cerca de 3 anos, acredito que tenha assimilado com mais facilidade a intenção dos treinos.

A certeza de que os treinos vinham dando resultados positivos veio em uma abordagem, na qual, após realizar a ordem de parada a uma carreta, um dos policiais da equipe foi conversar com o motorista, momento em que já fui passando o cão no caminhão, sempre usamos esse método, para agilizar a abordagem, sendo que logo, no primeiro momento ao fazer uma busca na parte posterior da carroceria, ele sinalizou positivamente para algum ilícito. Fui até o outro policial e o motorista e pedi para o condutor o que havia no caminhão e ele informou que estava vazio, foi solicitado que ele abrisse a parte traseira da carroceria, momento em que foi possível visualizar que estava completamente carregado com cerca de 700 caixas de cigarros contrabandeados.

Após esse resultado positivo, o incentivo para os treinos aumentou, sendo possível em outras situações que envolviam caminhões agilizar as abordagens e ter a confirmação do ilícito.

## SEGUNDO CÃO TREINADO PARA CIGARROS

Após esses resultados positivos e vendo a necessidade e agilidade que esse tipo de trabalho daria para o dia a dia de nossas equipes, iniciou-se o treino com mais um cão, nesse caso a cadela Atena, treinada para todos os tipos de odores de narcóticos, já com toda dinâmica de busca. Porém no caso dela, o treino se iniciou de maneira diferente da do cão Guerreiro, para evitar que apontasse as pequenas quantidades, o treino já se iniciou com quantidades maiores, cerca de 2000 mil cigarros, em suas embalagens originais, ou seja, carteiras com 20 cigarros, pacotes com 10 carteiras cada uma, e, sempre que possível, treino em veículos apreendidos, em sua grande maioria em caixas com cerca de 50 pacotes em cada caixa.

Além disso, a discriminação dos pequenos odores, como poucas carteiras, cigarros abertos, fumo, foram introduzidos para que o cão tivesse desde o princípio o interesse apenas nos odores “completos”, ou seja, cigarro, pacote, caixa, pois além do odor do cigarro, esses outros componentes sempre estarão presentes nas grandes apreensões, que é o real interesse para nossa unidade e na qual seria necessária essa funcionalidade do cão.

Os resultados também se mostraram positivos, em poucos momentos, ela teve que ser negativada por apresentar uma indicação de uma pequena quantidade. Os treinos se iniciaram usando cones para ocultar os pacotes de cigarros e seus discriminadores, e, posteriormente, usando caixas de treino e malas e, como já mencionado, também os veículos apreendidos, sendo, nesse caso, não usado nenhum discriminador, somente apresentando o veículo ao cão e aguardada a indicação positiva.

Posteriormente, mais um cão foi formado para detecção de cigarros, sendo a formação realizada por outro policial, que apresentou, inicialmente, o fumo e logo após iniciou o treino de discriminação de pouca quantidade. Em alguns momentos, o cão veio a indicar algumas pequenas quantidades em algumas buscas reais. O que foi corrigido através da discriminação.

Podemos dizer que os dois métodos de treinamento foram eficazes, tendo a discriminação do fumo e pequenas quantidades de odores, o que leva a crer que o efeito final seja o mesmo. Foi observado que é preciso manter o treino sempre presente, principalmente em momentos de apreensões onde há grandes quantidades, e principalmente em veículos grandes como caminhões e carretas, que são os alvos focos da busca. Treinar o cão para a realidade faz com que ele assimile com mais veracidade o que precisa buscar e onde precisa buscar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A teoria da imagem de odor foi desenvolvida através de conversas informais, conclusões essas de situações reais, em que, por exemplo, um cão nunca treinado com uma grande quantidade de entorpecente teve dificuldade de indicação de uma grande quantidade de drogas em uma situação real. Além dos testes realizados através do cigarro, comprovando que sim o animal tem a condição de discernir uma grande quantidade de odor de uma pequena. A mesma dificuldade que o cão apresentou em não conseguir indicar a grande quantidade de entorpecente por nunca ter tido contato com ela, seria a mesma teoria de ele não indicar pequenas quantidades, pois não foi treinado para isso. Trabalhar com esse empirismo foi a única maneira de se chegar a uma conclusão, que vem apresentando bons resultados.

Um grande problema observado durante a elaboração desse trabalho e também durante os estudos para se conseguir chegar a uma conclusão sobre o treino ou não dos cães para detecção de cigarros é a dificuldade de encontrar materiais, trabalhos técnicos, escritos sobre a detecção seja qual for, de entorpecentes de maneira geral. Pouquíssimos são os estudos existentes no Brasil sobre o faro e trabalho dos cães nas Forças Policiais, isso acaba sendo um dos maiores desafios dos entusiastas desse trabalho. Trabalhar com cães no Brasil é um desafio em vários sentidos, e, de certa maneira, ainda pouco compreensível, pois apenas a partir da década de 1950 eles começaram a serem usados na Segurança Pública, são poucos anos comparados a países que já usam os cães desde a Primeira Guerra Mundial. Porém não me parece justificativa para ficarmos para trás, muito pelo contrário, devemos buscar conhecimento, aplicar novos métodos, criar teorias e avançar cada vez mais para que a cinotecnia no Brasil seja cada vez mais respeitada e que traga bons frutos para o desafio de quem está nessa luta diária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NETO. Marcilio Diniz Pimenta. Faixa de Fronteira e domínio público. Disponível em <<https://marciliooberserk.jusbrasil.com.br/artigos/169553071/faixa-de-fronteira-e-o-dominio-publico>>

Acessado em 13 de março de 2022.

ALVES. Gabriel Cunha e LOUREIRO. José Antonio Cacheado Direito fronteiriço: a questão da segurança pública nas fronteiras do Brasil. Disponível em

<<https://jus.com.br/artigos/72888/direito-fronteirico-a-questao-da-seguranca-publica-nas-fronteiras-do-brasil>> Acessado em 13 de março de 2022.

Andersen. Singrid. A Fronteira na Concepção da Geopolítica Brasileira:

Entendendo a Origem dos Conflitos. Disponível em <[http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/7mo-coloquio/mesa\\_6/20080239.pdf](http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/7mo-coloquio/mesa_6/20080239.pdf)> Acessado em 13 de março de 2022.

FERRARI. Maristela. As noções de fronteira em geografia. Disponível em: [https://e-](https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/0)

[revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/0](https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/10161/0). Acessado em 13 de março de 2022.

SCHONS. Alan. D. e FERRARI. Maristela. O comércio ilegal de cigarros no segmento da fronteira Brasil-Paraguai situado entre os departamentos de alto Paraná e Canindeyú com o oeste do Paraná. Uma atividade organizada em redes?



